

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA  
BRUNO OLIVEIRA PUGLIESE**

**O *AMOR FATI* COMO SUPERAÇÃO  
DO NILISMO**

Juiz de Fora  
2021

**BRUNO OLIVEIRA PUGLIESE**

**O *AMOR FATI* COMO SUPERAÇÃO  
DO NILISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientadora: Prof. Dr. Robione Antônio Landim.

Juiz de Fora  
2021

PUGLIESE, Bruno Oliveira. **O AMOR FATI COMO SUPERAÇÃO DO NIILISMO**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2021.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Robione Antônio Landim (UniAcademia)  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Rômulo Gomes de Oliveira (UniAcademia)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Examinado em: 30/11/2021.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me dado forças para concluir este trabalho conclusão de curso.

Aos meus familiares, pelo carinho e atenção, durante a conclusão do trabalho de conclusão de curso.

A coordenadora, Professora Me. Regina Lúcia de Praxedes de Meirelles, a total gratidão pelo zelo e dedicação pelo curso de Filosofia do UniAcademia.

Agradeço as considerações feitas pelos professores Dr. Rômulo Gomes de Oliveira e Dr.<sup>a</sup>. Mabel Salgado Pereira neste trabalho de conclusão de curso. Em especial, ao meu orientador, Dr. Robione Antônio Landim, por ter auxiliado no planejamento e na construção do texto.

Sou grato, igualmente, aos meus amigos, pelo incentivo para que eu finalizasse, com êxito, este trabalho.

Aos professores do UniAcademia, que contribuíram com minha aprendizagem, durante os anos letivos do curso de Filosofia.

Por fim, agradeço a todos que me apoiaram para terminar, com disposição, o meu trabalho de conclusão de curso.

Salvar o passado no homem e  
transformar tudo 'o que foi' até a vontade  
dizer: 'Mas eu queria que fosse assim!  
Assim hei de querer!  
Friedrich Wilhelm Nietzsche

## RESUMO

PUGLIESE, Bruno Oliveira. **O AMOR FATI COMO SUPERAÇÃO DO NIILISMO**. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2021.

O presente trabalho de conclusão de curso tem como proposta a superação do niilismo pelo *amor fati*. Caracterizado pela desvalorização dos valores supremos, o niilismo, em Nietzsche, se mostra como a lógica da civilização ocidental. Desta forma, é apresentado um percurso no qual é tematizada a etimologia do termo niilismo, bem como o seu desenvolvimento em outros âmbitos até a sua recepção filosófica dada por Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900). Segundo o filósofo alemão, o caminho capaz de superar o niilismo se faz possível pela maneira de lidar com a realidade de forma afirmativa. Assim, propõe ao homem um jeito de viver que impulsiona a atitude de aderência ao *amor fati*, isto é, um modo de afirmação da vida tal como ela é. Tal postura frente à vida possibilita ao homem atravessar o niilismo ao amar a vida na sua totalidade. Com isso, permite-se adentrar o vir-a-ser das interpretações, através de uma abertura às novas possibilidades de enxergar o mundo à sua volta.

**Palavras-chave:** Afirmação da vida. *Amor fati*. Nietzsche. Niilismo.

## **ABSTRACT**

This research proposes to the overcoming of nihilism by love of fate. Characterized by the devaluation of supreme values, nihilism, in Nietzsche, shows itself as the logic of Western civilization. Thus, a path is presented in which the etymology of the term nihilism is thematized, as well as its development in other areas until its philosophical reception given by Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900). According to the German philosopher, the path capable of overcoming of nihilism is made possible by the way of dealing with reality in an affirmative way. Thus, it proposes to man a way of life that drives the attitude of adherence to love of fate, that is, a way of affirming life as it is. Such an attitude towards life enables man to go through nihilism by loving life in its entirety. With this, it allows to enter the coming-to-be of interpretations through an opening to new possibilities of seeing the world around them.

Key-words: Life affirmation. Love of fate. Nietzsche. Nihilism.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>DA VIDA DE NIETZSCHE AO SURGIMENTO DO <i>AMOR FATI</i></b> .....	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>A CONCEPÇÃO DE NIILISMO NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE</b> .....	<b>21</b>
3.1	A ORIGEM DO TERMO NIILISMO .....	21
3.2	O SENTIDO DE NIILISMO NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE .....	26
<b>4</b>	<b>O <i>AMOR FATI</i> COMO AFIRMAÇÃO DA VIDA</b> .....	<b>34</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>48</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso desenvolve-se uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, na área de ciências humanas no campo filosófico. A investigação baseia-se na filosofia de Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) acerca da possibilidade de superar o niilismo através do *amor fati*.

Deste modo, o trabalho vai esclarecer, desde a vida de Nietzsche até ao *amor fati*, a possibilidade de superação do niilismo, o qual perturba a civilização ocidental ao abalar os fundamentos dos valores ocidentais, ocasionando a perda de sentido da vida.

O presente estudo está organizado em torno de três capítulos: o primeiro capítulo diz respeito sobre a biografia de Nietzsche; é intitulado **Da vida de Nietzsche ao surgimento do *amor fati***, sendo enfatizado o transcurso desde a vida de Nietzsche ao surgimento do *amor fati*. Ora, o pensamento acerca do *amor fati* surgiu ao longo de todos os acontecimentos que permearam as vivências do filósofo alemão. Assim, o pensador foi refletindo em sua vida como é possível afirmar a própria existência, seja na alegria ou na tristeza. Diante disso, reconhece a extrema necessidade de amar todas as experiências vividas. Ao fazer uma análise de sua vida do começo ao fim, é possível, outrossim, observar a biografia do filósofo além do caminho traçado para chegar no *amor fati*. Por conseguinte, a vida de Nietzsche contribuirá para ele refletir sobre a superação do niilismo.

No segundo capítulo, abordará a **concepção do niilismo na filosofia de Nietzsche**, será desenvolvida uma reflexão sobre a origem do termo niilismo para elucidar como Nietzsche chegou a definir o niilismo. O filósofo alemão aprofundará nas suas análises trazendo uma conceituação mais precisa acerca da palavra niilismo. Diante disto, ao analisar o niilismo verificará que o conceito mais pertinente para definir tal termo é a desvalorização dos valores supremos. Em relação às considerações apresentadas, o filósofo alemão perceberá, no homem, a impossibilidade de levar o niilismo até as últimas consequências, isto é, continuar firmado na negação da vida, por isto propõe superá-lo.

Por último, no terceiro, será trabalhado **O *amor fati* como afirmação da vida**, nesta parte é desenvolvido como chegar a superação do niilismo. Nesse sentido, Nietzsche trará a sua reflexão o *amor fati* como proposta para superar o niilismo. Para o pensador, o homem terá que assumir o *amor fati* como uma possibilidade de

se viver sem negar o niilismo, porém superá-lo. Assim, há necessidade de se afirmar a vida sem desprezar o destino, mas amá-lo. Findados estes três primeiros capítulos, serão expostas as considerações finais.

Para desenvolver os capítulos, foram utilizadas três obras principais de comentadores, constadas a seguir: Nietzsche e a aurora de uma nova ética da comentadora Vânia Dutra de Azeredo; Niilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche, a filosofia dos extremos do comentador Claudemir Luís Araldi; e Dicionário Nietzsche da comentadora Scarlett Marton. Vale salientar que, no primeiro livro, é desenvolvida uma pesquisa sobre o *amor fati*, visto numa perspectiva mais aprofundada acerca dos estudos nietzschianos sobre o mesmo. No segundo, buscou-se investigar como o filósofo alemão chegou a um conceito mais consistente sobre o niilismo e sua definição. No terceiro, foi desenvolvida uma análise da vida de Nietzsche para chegar no *amor fati*. Além desses comentadores, o trabalho contou com a contribuição de Deleuze (1976) e Moura (2014) importantes também para facilitar o entendimento acerca da concepção do niilismo na filosofia de Nietzsche.

Sendo primordiais, outrossim, na elaboração do trabalho as obras de Nietzsche como as coletâneas dos Fragmentos Póstumos (2008, 2013 e 2012), A Gaia Ciência (2008) e Assim Falou Zaratustra (2007). Na primeira, procurou-se pesquisar, de maneira detalhada, as reflexões sobre o niilismo. A segunda teve grande importância para esclarecer sobre a reflexão do *amor fati* no livro IV, deste mesmo livro. A última forneceu melhores explicações sobre o *amor fati*.

Nessa perspectiva, o *amor fati* retrata o percurso de pensamento que perpassa a superação do niilismo contemporâneo como principal problema enfrentado pela civilização ocidental. O pensador busca refletir sobre a decadência da tradição judaico-cristã na infalibilidade da moral, o constante avanço da industrialização, o prevalecimento das técnicas empíricas impulsionadoras do progresso na civilização ocidental, religiões e culturas totalmente voltadas para a manipulação política, econômica e social conduzidas pelos seus líderes. Essas indagações motivaram Nietzsche a investigar a origem da desvalorização dos valores morais permitindo uma reflexão sobre o *amor fati*. A expressão latina significa amor ao destino estabelecendo uma intrínseca relação como explicado por Danilo Marcondes e Hilton Japiassú (1996) no Dicionário Básico de Filosofia, quando esclarece que: "Nietzsche retoma dos estóicos a expressão "amor fati". literalmente "amor do destino" (implicando tuna idéia de fatalidade) [...]"

(MARCONDES; JAPIASSÚ, 2008, não paginado, grifo do autor). De fato, o trabalho acadêmico baseia-se no *amor fati* para superar o niilismo das civilizações ocidentais.

Por fim, as razões da realização deste trabalho está no desconforto provocado pelo niilismo sentido nas diversas instâncias da civilização ocidental. Portanto, o declínio dos valores ocidentais arruinou o mundo moderno e continua seu efeito devastador na atualidade. Nessa análise o trabalho de conclusão de curso mostrará a importância do tema para atingir um olhar crítico sobre a realidade social do atual mundo contemporâneo, movimentado por uma sociedade difundida em valores morais. De maneira detalhada, será discutido, ao longo dos capítulos, como superar esse grande problema dos tempos atuais.

## 2 DA VIDA DE NIETZSCHE AO SURGIMENTO DO *AMOR FATI*

Antes de introduzir uma apresentação acerca do *amor fati* no pensamento nietzschiano, há necessidade de **entender**<sup>1</sup> e passar pela trajetória da vida de Nietzsche, a fim de perceber o processo que levou a postular o *amor fati* com maior precisão em seus escritos filosóficos e na vida.

A vida de Nietzsche inicia-se na Prússia, onde nasce no dia 15 de outubro de 1844. Proveniente de uma família luterana, tanto do lado paterno quanto materno (MARTON, 2016). Isso influenciou a ter um grande apreço por estudar teologia, principalmente pelo pastoreio do pai que morre prematuramente.

Um ponto marcante de Nietzsche é a aversão ao convívio social, quando começa a estudar no Colégio de Pforta aos 14 anos de idade. Essa etapa da sua vida, já mostra uma essencial característica presente na filosofia de Nietzsche, a solidão que perpassará seus escritos. Em Aurora, o tema da solidão se faz presente nesse aforismo:

A — Queres então voltar para teu deserto? B — Não sou ágil, tenho de me esperar a mim mesmo — fica cada vez mais tarde até que a água do poço de meu eu suba até a luz e, muitas vezes, tenho que passar fome por mais tempo que minha paciência suporta. E por isso que vou para a solidão — para não beber das cisternas que estão dispostas para todos. No meio da multidão vivo como a multidão e não penso como penso; depois de certo tempo, tenho sempre a impressão de que querem me exilar de mim mesmo e roubar-me a alma — passo a me tornar mau para todos e a temer a todos. Tenho então necessidade do deserto para voltar a ser bom (NIETZSCHE, 1947, §491, p. 207, grifo do autor)<sup>2</sup>.

Embora, estudasse teologia para seguir os caminhos do pai, tinha uma admiração profunda pela música e poesia, por essas imprimirem um caráter de sensualidade, leveza e reflexão sobre a vida. Além disso, dedicava parte do tempo ao estudo das ciências naturais, dentre as quais, consta a biologia, física, química, entre outras. Outros tópicos marcantes que marcaram as reflexões filosóficas foram o cristianismo e Platão, dos quais Nietzsche tem argumentos críticos fortes de contestação.

---

<sup>1</sup> Como a vida não é objeto de entendimento é importante destacar o entender, a fim de deixar claro que o entendimento deve ser compreendido pelo estudo acerca do percurso que viveu para que possa demonstrar o caminho para chegar no *amor fati*.

<sup>2</sup> Embora haja um modelo próprio das referências de citação de Nietzsche empregada pelos estudiosos, estou seguindo as normas do Uniacademia como exige a instituição, acrescentando somente o aforismo.

Um grande marco contribuinte de sua filosofia é a especialização em Filologia Clássica, quando ingressa na Universidade de Bonn em 1864, essa ciência lhe permitirá aprofundar os conhecimentos sobre a linguagem de cada civilização, desvendando registros preciosos sobre a autenticidade desses textos de acordo com a análise histórica, comumente, a cada tempo histórico.

Em 1865, transfere-se para a Universidade de Leipzig, acompanhando os estudos helenistas sob a coordenação do integrante Ritschl (MARTON, 2016). Tais aprendizados lhes serão úteis na investigação da cultura grega e serão lisonjeados por Nietzsche pela resistência à conversão ao cristianismo.

Depois no ano de 1869, ingressa na docência da Universidade de Basileia, onde aprimora seus conhecimentos na área de Teologia sob direção de Franz Overbeck, em História na coordenação de Jakob Burckhardt, em Música orientado por Richard Wagner, porém só mais tarde passa a admirar e aproximar da filosofia na leitura de O Mundo como Vontade e Representação de autoria de Schopenhauer (1788-1860). Nietzsche foi atraído pelo ateísmo de Schopenhauer, bem como pela experiência estética presente nessa filosofia, sobretudo pelo significado metafísico que atribui à música.

Além disso, O nascimento da tragédia no espírito da música, escrito no ano de 1872, também teve forte influência de Schopenhauer. Eis uma particularidade intensa do seu mestre a crítica intransigente ao mundo<sup>3</sup>. Essa análise permitirá aprofundar seus estudos sobre a Grécia Antiga, com isso tendo uma crítica mais profunda aos valores gregos difundidos entre as civilizações. Além disso, a influência em escrever esse livro à luz da música vem de Wagner. Contudo, o livro causou grande repercussão aos alunos e expulsão do grupo dos filólogos. Desta relação cabe enfatizar o fascínio que consiste na mescla da filosofia e filologia nesta obra (VATTIMO, 1990).

Ao escrever, em 1873, Sobre verdade e mentira no sentido extramoral, concebe o conhecimento humano pequeno e de curta duração diante da imensidão de saber do universo. Mesmo diante do vasto conhecimento o ser humano continua na busca incessante por novos aprendizados. Em contraposição às instituições da cultura europeia, escreve as Considerações Extemporâneas (1874), nessa nova

---

<sup>3</sup> O mundo na visão de Schopenhauer é representado pela vontade em querer sempre mais poder e influência.

produção filosófica crítica a excessiva valorização histórica pela cultura alemã. É importante entender que nessa época, na qual reproduzidas essas duas obras, ainda não há uma superação de si, porém isso acontecerá no advento do *amor fati*. Isto quer dizer, que o homem só irá superar a visão histórica, quando perceber o fracasso histórico ao longo de séculos, logo não há progresso nenhum da influência da história como modelo para as civilizações. Portanto, a história deixará de ser infalível, principalmente a História do Ocidente para situar a linearidade do homem no mundo. Desta forma mais adiante, Nietzsche perceberá que o ser humano necessita de criar meios de sobrevivência, inclusive pelo conhecimento e cultura, dentre tantas informações do porvir, o que será explicitado no *amor fati*. Esse fator, ocorre ao acontecer o declínio histórico, o qual dava direção a humanidade.

Diante dessas considerações, Nietzsche quer desvencilhar-se da pressuposição da totalidade do conhecimento do homem, nisso é preciso aludir: “[...] quão efêmero é o conhecimento humano se comparado ao tamanho do universo [...]” (FERREIRA, 2016, não paginado). Tal pretensão se refere quanto ao requerimento da máxima amplitude intelectual, que nunca consegue alcançar como dito na obra *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral e o reconhecimento extremo do sentido histórico*, incumbido na sociedade esclarecida nas *Considerações Extemporâneas*. Assim, diante das ponderações das duas obras, permite instaurar em si próprio um espírito livre das amarras de um saber que tem a pretensão de um domínio absoluto sobre a realidade. Isso, refletirá no livro *Humano, demasiado humano* (1878), baseado no rompimento da filosofia de Nietzsche com o pessimismo de Schopenhauer e Wagner em relação a música, além disso, a retomada do conceito de devir. Neste mesmo livro, ele escolheu o aforismo como modo de expressão. Mas uma obra que se apresenta em fragmentos não era necessariamente uma obra fragmentária. Desenvolve também o método da suspeita. Esse período é caracterizado como mais científico, no sentido de que quer se afastar da metafísica schopenauriana e wagneriana. Nessas obras faz uma crítica a noção de sujeito na condição de livre arbítrio. Como apêndices, a este exemplar do filósofo alemão, apareceram no ano seguinte, em 1879, dois outros textos: *Miscelânea de opiniões e sentenças* e *O andarilho e sua sombra*, que, em 1886, virão a compor o segundo volume desta obra.

Para entender melhor a abordagem deste livro há necessidade de explicar o enaltecer da utilização e a compreensão da estruturação do aforismo. Portanto, é

uma forma de comunicar ao leitor um diálogo em aberto, que será construído por ele, porém o sentido do qual o autor emprega, no caso Nietzsche, continua o mesmo, logo o único incidente que muda é a construção das formas de percepção correlacionadas à transmissão ao ouvinte. Vale ressaltar a característica essencial das obras: “[...] forma aforística dominante nestes textos quer o seu conteúdo [...]” (VATTIMO, 1990, p. 10). Assim, a obra *Humano, demasiado humano* realça melhor os tópicos trabalhados ao longo do livro, por meio do papel e a importância do uso do aforismo.

Ao longo do tempo, precipuamente em 1879, Nietzsche adquire dores de cabeça e vista impedindo-o de ler e escrever (MARTON, 2016). Esse ano foi um dos piores anos na vida de Nietzsche. Sentia dores de cabeça e dores na vista, que o impediam de realizar atividades como a leitura e a escrita. Sua saúde se deteriorava e as obrigações profissionais pesavam-lhe mais e mais. Por conta disso, pediu demissão da Universidade da Basileia. Graças ao empenho de Overbeck, a municipalidade, a Sociedade Acadêmica e a Universidade lhe concederam uma pensão anual pelos serviços prestados. Vivera modestamente com essa pensão.

A enfermidade continuava. Problemas estomacais, náuseas e vômitos o fazem ficar na cama, desorganizando seu cotidiano. Violentas enxaquecas também o lançam numa profunda prostração. Seu estado de saúde era desesperador. Em 1879, atravessou mais de setenta horas de dores ininterruptas, mais de 118 dias de crise graves. No final desse ano, sobreveio uma das piores crises da sua existência. Mas com a chegada da primavera atenuou seu sofrimento; sentia-se renascer das próprias cinzas, nisso ressalta-se: “**Não mais suportava a dor, aprendera a amá-la. Descobri a “fórmula da grandeza do homem”: amor fati**” (MARTON, 2016, p. 29, grifo nosso). Ou seja, não evitar nem se conformar e muito menos dissimular, mas afirmar o necessário, amar o inevitável. Aprende a não se abalar perante a dor, mas amá-la, daí vem o sentido da expressão do *amor fati* que é o tema que esse trabalho se propõe a discutir.

Depois de dez anos na cidade da Basileia, onde tivera casa, amigos, trabalho no meio universitário, nunca deixou de ser crítico, especialmente a erudição e o vazio da universidade. Mas tinha ainda objetivos. Abraçará agora uma vida errante. Irá percorrer as estradas da Suíça, Itália, França e Alemanha. Durante dez anos, não se deixará ficar em parte alguma por mais de seis meses.

Em fevereiro de 1881, concluía em Gênova o livro *Aurora* – pensamentos sobre preconceitos morais. Um ano depois, nessa mesma cidade, terminava *A Gaia Ciência* (1882). Uma ciência feliz. Trata-se de superar a busca pela verdade. Um pensamento em perspectiva. Começa a consolidar uma crítica a consciência. Devido a consciência negamos nossos instintos corporais. Elabora uma filosofia do corpo. Descobriu na Suíça o vilarejo de Sils Maria, onde, em certa tarde, foi atravessado pela visão do eterno retorno. Tudo retorna sem cessar.

Esses livros, junto com *Humano demasiado humano*, formavam no seu entender uma cadeia de pensamentos. Consistiam no seu exercício enquanto espírito livre. Nele, critica a imposição de normas de comportamento e maneiras de pensar. Uma parte faz se pertinente: “Um grau certamente elevado de educação é atingido, quando o homem vai além de conceitos e temores supersticiosos e religiosos, deixando de acreditar em amáveis anjinhos e no pecado original” (NIETZSCHE, 2005, §20, p. 29). Examina o papel dos costumes, direito, moral. Investiga a educação familiar, política, religião.

Nietzsche não se habituava à solidão; ela lhe pesava e talvez lhe fosse indispensável. Em vão, tentara casar-se. As mulheres por quem se interessava não lhe correspondiam. Aos 37 anos, apaixonou-se por Lou Salomé, uma jovem Russa, de grande ardor intelectual, cujo pedido de casamento lhe foi negado. Mesmo assim, cresceu entre eles uma afetuosa amizade (MARTON, 2016).

A família dele, porém, era contra essa relação, porque poderia atrapalhar sua vida profissional e pessoal. Mediante essa situação, resolve romper com Lou e até mesmo a afinidade que tinha com a mãe e a irmã. Diante da intensa angústia gerada pela ruptura com a namorada e familiares, e ter de conviver com a solidão. Ideias de suicídio e o uso abusivo de narcóticos irromperam na mente.

Mesmo consternado pelo momento difícil, começa a redigir *Assim Falava Zaratustra* em 1883, na intenção de evocar o anunciador do além do homem. Tanto que, sinaliza a doutrina do *Übermensch*, do super homem, que anuncia uma transformação radical da humanidade (VATTIMO, 1990). Apesar de muitos rejeitarem seus escritos, expressava-os a Zaratustra, a quem submetia a apreciação, por proporcionar a lição de um espírito livre das amarras totalizantes da moral infundida na sociedade. Nesta obra, começa a fase de maturidade da filosofia de Nietzsche ou filosofia positiva, pois passa a afirmar a vida, por meio do super homem, que retrata no *Assim Falava Zaratustra*. Diante disso, Zaratustra é o



mensageiro do além-do-homem, é o arauto do eterno retorno, é aquele que afirma a vida. Faz uma crítica a noção de temporalidade linear – crítica a noção de causa própria da modernidade. Se há repetição eterna, não há causa. A filosofia de Nietzsche quer atravessar o deserto niilista. Ele transvalorou valores. Se não há mais fundamento metafísico, deus morreu, então, como é possível prosseguir? É necessária uma transvaloração dos valores, indicada na necessidade da superação de si e com isso aponta para uma nova maneira de sentir, pensar e avaliar.

Entre os últimos dias de 1888 e os primeiros de janeiro de 1889, em Turim, foi tomado por forte tensão psíquica, levando-o a mergulhar em delírio. Escreveu bilhetes com diferentes assinaturas: Nietzsche César, O Crucificado, Dioniso (MARTON, 2016). Em 10 de janeiro de 1889 ficou internado na clínica psiquiátrica da Basileia, sendo em seguida transferido para o leito de Lena. Um ano depois, em 1890, deixou a clínica, ficando sob supervisão da mãe e depois da irmã, durante dez anos. Vale salientar que não teve notícias do que estava acontecendo ao seu redor: “Alheio ao que ocorria à sua volta, morreu em Weimar ao meio-dia de 25 de agosto de 1900” (MARTON, 2016, p. 34).

Foi possível por uma análise de toda a biografia perceber que a vida de Nietzsche é uma afirmação da vida. Foram inúmeros os obstáculos enfrentados durante a produção filosófica, mas propiciaram o desenvolvimento de suas reflexões filosóficas proporcionando o advento do *amor fati*.

Porém, é importante notar que o *amor fati* é iniciado primordialmente mediante o sofrimento decorrente da fragilidade na saúde de Nietzsche, que é reproduzido na transcrição da Gaia Ciência e atinge o ponto excelso na elaboração de Assim Falava Zaratustra. Disso, decorre o desenvolvimento e análise deste trabalho, especialmente na terceira fase da vida de Nietzsche, é exatamente empenhar-se na compreensão e prática do *amor fati*, como forma de atravessar o niilismo. Assim, a análise do seu pensamento deve ser debatida até na atualidade, por enriquecer as diversas áreas do conhecimento com suas concepções filosóficas que será de grande importância para o homem na contemporaneidade.

Por isso, ao morrer, em 25 de agosto de 1900 na cidade de Weimar, sob a tutela da irmã, decorrente da piora do quadro clínico, deixa um legado às futuras gerações, as ricas ideias presentes em suas obras. Disso ocorre um fator importante, o sucesso dos escritos, após a morte. Visto que depois de falecer,

Elizabeth, a irmã adquire a custódia das obras do irmão, das quais falsifica algumas das anotações e alcança o apogeu da procura de suas coletâneas.

Assim, Nietzsche adquire grande importância nos dias atuais, por isso a necessidade da contextualização histórica na atualidade de sua filosofia. Após a morte deixa obras grandiosas para o avanço teórico nas áreas científicas da natureza, como Biologia, Física e Química e humana constando a Sociologia e Filosofia.

Isso possibilitará ser reconhecido pelo enriquecimento da ciência, ao contribuir para o avanço científico e ao empreender a ruptura com uma moral que normatiza a área científica. Impedindo desses diversos campos do conhecimento crescerem em aprimoramentos de técnicas e descobertas, que poderão beneficiar a comunidade científica e a sociedade. Ora, funciona como um ideal metódico, com a capacidade de induzir o sujeito psicologicamente a uma determinada atitude (VATTIMO, 1990). Com isso, o filósofo alemão requer novas formas de analisar as experimentações científicas sem que haja um controle dos experimentos pela moralização. Logo, trazer a filosofia nietzschiana à realidade é essencial, porque promove a compreensão do *amor fati*, diante de novas experiências que estão para surgir, seja em qualquer campo de estudo ou acontecimentos vividos, dos quais envolve a moral.

Nota-se que somente após a morte adquire cada vez mais prestígio e espaço suas obras nos campos universitários em diversas áreas e em várias partes do mundo, apesar de não conseguir êxito no âmbito filosófico. Provavelmente, pela incompreensão das obras ou complexidade dos escritos que não permite permear com facilidade seu pensamento. Logo, Nietzsche escolhe os leitores de sua obra, é como se tivesse afinidade a quem compartilha e adere às suas ideias. Assim, depois da morte suas obras passam a ser reconhecidas e reivindicadas, à medida que conhecem a riqueza e exploram a profundidade dos escritos, seja no mercado internacional ou nacional.

Ulteriormente, ao analisar a vida de Nietzsche é possível atentar a importância que adquiriu em inúmeras universidades, inclusive em Copenhague, alude-se um trecho da biografia: "Brandes relatava-lhe o sucesso das conferências sobre sua filosofia na Universidade de Copenhague" (MARTON, 2016, p. 36). Tanto que Brandes, professor universitário desta mesma universidade, decide difundir as

ideias do livro da Genealogia da Moral no centro universitário na disciplina de literatura comparada.

O sucesso da filosofia de Nietzsche no cenário contemporâneo deveu-se em grande parte à riqueza das provocações que fizera aos modelos morais vigentes, na atualidade, afinal não mede esforços para destruir o nivelamento da moral na sociedade na seguinte explanação: “Necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram [...]” (NIETZSCHE, 1998, p. 12, grifo do autor). Se fosse resumir a filosofia nietzschiana seria no processo de surgimento dos valores morais, disso transcorre a filosofia nietzschiana, que empenhou-se na consolidação do conceito de devir, vontade de poder, eterno retorno e *amor fati*, porque é a partir da crítica aos valores morais que esses conceitos ganham mais força. Em contrapartida, trás um legado aos dias atuais, a origem dos valores morais deve ser discutida e encarada no sentido histórico.

A relevância atinge a Filologia reformulando os modos de analisar as linguagens históricas. Essas devem analisar a interpretação dessas linguagens na forma que foram consolidadas, isto é, os textos originais tem passibilidade, então não verificam-se pela neutralidade, mas tem que descobrir-se os pressupostos por detrás das narrativas escritas, portanto acontece um enriquecimento desta ciência. Sobre isso, vale destacar: “[...] a filologia clássica surge como uma traição do espírito do classicismo, na medida em que não é capaz de olhar o antigo como um modelo a imitar e a prosseguir, mas apenas como um repertório de objetos de estudo” (VATTIMO, 1990, p. 14). Os filólogos, a partir daí passam a ter um rigoroso procedimento de análise, seja das linguagens culturais e históricas. No passado, os filólogos clássicos analisavam os textos partindo do método a priori e um olhar metafísico, isso quer dizer só pode ter apenas uma direção, logo, ora são, favoráveis ao bem ou mal. Saber compreender sem interpretações equivocadas e distinguir os fatos criticando-os, sem estabelecer uma verdade absoluta é a nova maneira de proceder da filologia implantada por Nietzsche.

A dedução científica perde o valor à medida que aprofundar-se na investigação das bases históricas e culturais, ou seja, todo o procedimento científico requer um ponto de partida, ou quiçá, um contexto histórico, portanto necessita adentrar os acontecimentos de uma época para chegar ao resultado esperado no

conhecimento científico ou confirmação de uma teoria, por isso a defesa da condição humana submetida às vivências compartilhadas no dinamismo da vida. Portanto, a ciência é um conhecimento aberto à vida diferente e singular, um saber que absorve a contingência da vida (CHAGAS; SOUZA, 2017). Disso parte, a filosofia experimental de Nietzsche, o homem é um experimento de experiências diversificadas no mundo, em um círculo eterno que retorna inúmeras vezes do mesmo modo procedido.

Além disso, denuncia a mesquinhez da política desde sua época até os dias atuais e a noção de progresso das civilizações. Desses dois termos, faz-se um questionamento sobre o progresso das civilizações, seja, na política e cultura embasados por princípios de igualdade. Disso esclarece que os valores cristãos foram introduzidos na política. Contudo, isso caracterizou a falência e o retrocesso da política no cenário contemporâneo, visto que na concepção de Nietzsche a política é um espaço de conflito, porque lida com o poder perante a sociedade. Um grande desafio da política de hoje seria romper com o ideal de igualdade democrático para assumir uma tendência sempre relativa entre domínio monárquico ou anárquico, pois as forças nunca se estabilizariam, sendo essa a concepção de Nietzsche. Manifestada da seguinte forma: “Nietzsche questiona, na ideia de igualdade generalizada pela modernidade, é o pressuposto da existência de uma consciência coletiva [...]” (VIEIRA, 2012, p. 90).

Dentre os temas que ficaram famosos estão a morte de Deus e vontade de poder, tais assuntos instigaram diversos leitores curiosos para saber como tratava0 esses temas de maneira a esclarecer o niilismo dos dias atuais. Tais temas são assuntos discutidos até hoje nos principais centros universitários, pela abordagem conceitual muito rica e complexa, haja vista, a dificuldade de muitos estudiosos nas interpretações. Afinal, a filosofia nietzschiana é muito importante por tratar de situações da realidade na contemporaneidade, por isso muito debruçada, porém de difícil acesso ao sentido expresso por propor um diálogo em aberto, o que provoca algumas vezes até ambiguidades. Os textos nietzschianos muito recorrem a perspectivas que serão reerguidas pelo leitor, levando-o a uma destreza empreendida por Nietzsche, portanto requer muito empenho ao ler os textos nietzschianos para não gerar rupturas na conexão com o pensamento do filósofo.

Por fim, o *amor fati* contribuiu na afirmação da vida diante dos fracassos da construção de verdades absolutas, sobretudo na racionalização científica, que via

nessa realização um progresso alcançado pela humanidade. A partir do devir, introduz uma nova forma de pensar a vida na aceitação profunda desta. Sobre o descrédito da valorização do progresso da modernidade, vale-se da seguinte passagem:

Nunca se diz que já se está farto dos homens a não ser quando já não se pode mais digeri-los e quando, portanto, se tem o estômago ainda cheio. A misantropia é a consequência de um amor demasiado ávido da humanidade [...] (NIETZSCHE, 2008a, §167, p. 144).

Dessa alusão de Nietzsche, está concisa a aversão à humanidade em seus múltiplos interesses racionais de promoção de técnicas que estão de passagem como todas outras técnicas científicas que irão surgir. Basta haver um fracasso no meio científico para mudar o itinerário de sentido da humanidade, moldando-a em novos caminhos. Disso vem, a influência do intelecto humano no fenômeno ao introduzir nas coisas os erros de suas concepções fundamentais (NIETZSCHE, 2005). Com, um novo fenômeno de inspiração é criado novos paradigmas. Nietzsche não discorda dos novos métodos científicos que estão para surgir, logo a repugnância está no homem não aceitar o mundo em que vive, enquanto devir.

Nisso, vem a chegada de uma nova história para a atualidade, o *amor fati*. Tal capítulo procurou analisar de perto como Nietzsche chegou à reflexão do mesmo. Assim, propôs-se verificar a trajetória do filósofo alemão, desde de o nascimento até após a morte. Logo, com o objetivo de demonstrar a relevância desse tema em suas reflexões durante todo o percurso de sua vida, seguindo em direção a atualidade.

Ao ver toda a trajetória de Nietzsche para chegar ao *amor fati* uma questão se coloca, como a reflexão deste na vida do pensador contribuirá para atravessar o niilismo que atinge as civilizações ocidentais? Tal assunto será discutido no próximo capítulo.

### 3 A CONCEPÇÃO DE NIILISMO NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

#### 3.1 A ORIGEM DO TERMO NIILISMO

Nessa seção será abordada a temática do niilismo, desde a origem do termo até a sua compreensão na filosofia tardia de Nietzsche. Ela está em relação com o tema desse trabalho na medida em que se propõe o *amor fati* como uma forma de ultrapassar o niilismo.

Nesse sentido, para abarcar o primeiro estudo acerca da etimologia é necessário entender a origem do termo niilismo, portanto: “a formação etimológica do termo niilismo se desenvolve a partir do conceito de "nada" - do latim *nihil*” (LANDIM, 2013, p. 14, grifo do autor). Essa noção permite enfatizar a abordagem histórica e conceitual da palavra. Tais discussões acerca da significação do niilismo como nada são desenvolvidas e analisadas por Franco Volpi, quando observa as tendências humanas nas violações dos princípios na seguinte parte: “[...] a discussão sobre a origem do problema do niilismo à tradição escolástica e, particularmente, à seita do século XII *nihilianismus*, designação para um desvio herético do cristianismo [...]” (VOLPI, 1999 apud LANDIM, 2013, p. 14, grifo do autor). Ao analisar essa violação dos preceitos cristãos Volpi percebe em seus estudos como o cristianismo tende para o nada no falhar de um valor, perde-se o sentido de tal postulação. Visto que, isso abre espaço para uma falta de referência da humanidade, retratado por um: “pensamento obcecado pelo nada” (VOLPI, 1999 apud LANDIM, 2013, p. 14). Desse modo, terá uma ligação forte com a negação do ser, isto é, a recusa da própria situação na qual o homem se encontra da carência de sentido da própria existência.

A conceituação do termo niilismo se intensificará, igualmente, no final das décadas de 70 e 80, porém as discussões se voltam em torno do niilismo russo na Alemanha, com destaque para Karlowitsch, um importante teórico que investigará a causa do problema, ao discutir como o niilismo tem avançado na Europa no livro O desenvolvimento do niilismo. Outros dois autores que marcaram o niilismo na literatura russa foram Herzem e Bakunin. Estes fundaram o termo niilismo russo (ARALDI, 2004). Isso foi identificado ao analisar o extremo vazio existencial dos russos ao viver sob condição dos valores czaristas. Com base nisso, é importante

salientar que o termo niilismo primariamente adquiriu o sentido de oposição ao regime czarista russo, depois na proporção em que vai sendo investigado adquire profundidade, em relação ao conceito mais apropriado.

Por isso, para ter uma precisão maior acerca do conceito do niilismo foram necessários os estudos dos teóricos literários russos Turgueniev, Mérimée, Bourget e Dostoiévski. Os quais enfatizaram a queda dos valores russos na literatura russa. Sendo uma época marcada pelo desmoronamento dos poderes instituídos na Rússia para assegurar domínio sobre a arte, literatura, ciências, sociedade e controle reflexivo das civilizações. Porém, com o movimento de revolta russo, todo o controle dos dominantes perdem força, acontecendo uma revolução no pensamento e na prática, quando ocorre a decadência do regime czarista russo. Com o decorrer da derrocada do governo czarista opressor as ideias desses teóricos ganham força. Por essa razão, a necessidade de analisar como caracterizaram o niilismo russo.

Assim, vale salientar ainda que foi o pensamento de Turgueniev, que popularizou o termo niilismo na sua época. Turgueniev retrata um homem que não se rebaixa diante de nenhuma autoridade. Levando em consideração o posicionamento desse teórico literário russo, o qual atinge grande relevância no aprofundamento do niilismo. Uma passagem enfatiza bem o niilismo nesse pensador: "o niilista é o homem que não se curva perante nenhuma autoridade e que não admite como artigo de fé nenhum princípio, por maior respeito que mereça" (TURGUENIEV, 1941 apud ARALDI, 2004, p. 31).

Outro estudioso da literatura russa foi Mérimée que estudou o prefácio do livro de Turgueniev. Deste modo, discorre sobre o romance de sua obra, Pais e filhos, marcado pelo conflito dos hegelianistas (geração de 1840) e schopeaurianos (geração de 1860). Tais divergências entre as correntes filosóficas motivaram as críticas ao idealismo alemão<sup>4</sup> grande precursor do niilismo, por tentar distorcer o pensamento da época da queda dos valores presente em suas ideias. Sendo assim, tais conflitos foram um marco para chegar numa caracterização em torno do

---

<sup>4</sup> Essa corrente filosófica, originada por Hegel, baseia-se no fato de que tudo tende a um ideal absoluto. Uma citação explica isso: "No sentido hegeliano, tanto a filosofia quanto o desenvolvimento seriam movimentos direcionados a uma ascensão ao absoluto [determinações absolutas]" (MALINSKI, 2012, p. 63). Em vista disso, tudo tende a se manter e conservar-se num valor absoluto dando sentido a existência.

conceito, que culminará num movimento niilista, por parte do schopeaurianos, ao lutarem contra os ideais hegelianistas.

Marco fundamental, igualmente, desse processo foi Paul Bourget aplicado em desenvolver o sentido sobre o niilismo na Rússia. Tal comentador da literatura russa, identifica no homem uma decadência constante em relação à negação da vida, por meio dos literatos da decadência (Flaubert, Baudelaire, Renan e entre outros), ressalta-se nestes a oposição humana, quando acontece a decadência de uma doutrina ou ideal que ascende num fator que nega a existência, por não se conformar com tais valores que regem a conduta social, ocasiona a revolta contra o regime instituído. Fator decisivo na teoria de Bourget que interpela ao niilismo ocorre na seguinte parte: "A decadência do conjunto do organismo (sociedade) ocorre quando as células (indivíduos) se tornam independentes [...]" (ARALDI, 2004, p. 59). Quando começa a haver uma independência dos indivíduos os valores que norteavam a conduta destes, perdem o valor e passam a ser desprezados.

Em seguida, encontra-se Dostoiévski que entende a destruição da política russa na intensificação dos instintos que culminara na ruína dos valores russos. Por isso, faz uma análise psicológica da decadência dos princípios russos. Torna-se perceptível na sociedade da Rússia na seguinte parte: "a anarquia dos instintos e o surgimento de novas forças destrutivas" (ARALDI, 2004, p. 121). Baseava-se na observação dos desejos de destruição do sistema político russo e como se intensificava no ser humano tais vontades ao analisar o comportamento destrutivo dos russos diante do regime vigente. Através disso, percebe o esgotamento do homem moderno dando origem ao niilismo russo.

Ao examinar o niilismo na literatura russa fica claro a desvalorização dos valores russos instituídos, a fim de controlar os instintos inerentes à civilização russa. Tal processo levou a ruína o império russo, quando a população se revolta com o regime instituído. Isso é retratado na seguinte parte: "Os anarquistas russos empregaram o termo "niilismo" na perspectiva de oposição ao regime czarista" (ARALDI, 2004, p. 60, grifo do autor). Assim, o processo literário niilista na Rússia vai levar diversos filósofos a voltarem seus olhares ao processo de decadência da falta de um sentido que dê direção à conduta humana. Com isso, o niilismo adquire importância também no âmbito filosófico.



Assim, assume grande importância no cenário filosófico russo Golowin ao reconstruir a amplitude do niilismo russo através dos pressupostos teórico-filosóficos (ARALDI, 2004). Esse olhar atento na transformação do termo de literário para a filosofia, foi possível graças aos teóricos literários russos Herzen e Bakunin, os quais Golowin teve contato. Ao investigar a oposição ao regime czarista russo, os movimentos de revolta e o ateísmo crescente estudados por esses estudiosos aproxima-se do tema possibilitando-o trazer para a área filosófica.

Porém, antes de Golowin, o niilismo na dimensão filosófica é introduzido primeiramente por Friedrich Jacobi como crítica ao idealismo. Daí, surge a primeira discussão conceitual filosófica da palavra no final do século XVIII na Alemanha e pelos socialistas na França (ARALDI, 2004).

Vale acrescentar a crítica de Jacobi ao idealismo alemão. Na visão dessa corrente filosófica, em oposição ao dogmatismo e o realismo, o niilismo é algo criado pelo homem e imaginativo, não tem possibilidade de perpetuar, sendo uma mera criação do sujeito, invisível e inconsciente (LANDIM, 2013). Portanto, não passa de uma mera ilusão humana a falta de referência niilista, tornando incabível manter-se numa profunda desvalorização dos valores. Jacobi refuta essa ideia pelo simples fato do pessimismo que atinge as civilizações, ou seja, há uma revolta dos valores instituídos na sociedade contestando a postulação do idealismo, de que não existe decadência dos ideais perpétua. Essa ruína na visão dele acontece, pois os princípios não conseguem se manter.

Além do âmbito filosófico, há um surgimento do processo niilista na religião. Assim, a partir das inquietações do século XIX começa a intensificar as questões à respeito do niilismo, tanto que a primeira menção aos niilistas acontece por Lutero e Schopenhauer: Lutero não conseguindo que a causa fosse adiante, é ocasionada a decadência do mundo e os niilistas tinham grande admiração pela filosofia de Schopenhauer (NIETZSCHE, 2008c). Nessa particularidade, começa a haver o declínio dos consolos morais e religiosos na tradição ocidental. Esse é o primeiro momento oportuno para romper com os costumes e religião, por meio do niilismo.

Por último, na modernidade intensificam-se revoltas contra as normas que regem a conduta social. Isso ocorre mediante o questionamento da humanidade ao negar a concretude dos valores transcendentais, ou seja, discriminar sobre a existência de um Deus absoluto, o qual confere à vida um caráter de verdade. Uma vez que, acontece a desvalorização dos valores na modernidade, torna-se

perceptível a descrença num ser supremo atribuidor de valores a humanidade. Mesmo sendo um período obscuro por ser marcado pelo niilismo, há um crescente resplandecer de grandeza diante do homem moderno, pois desperta-se para uma crítica dos valores ocidentais. Essa falta de credibilidade dos princípios regentes de uma sociedade decorre da ausência de sentido da própria realidade. A partir daí, o niilismo vem adquirindo um significado mais profundo, ao invés de simplesmente uma negação do ser.

Por essa razão, o desequilíbrio dos valores tiveram grande influência na mudança de consciência do cenário moderno e contemporâneo, portanto tendo grande importância para caracterizar o niilismo na modernidade. Dentre as inquietações que motivaram essa análise nos axiomas e a desconfiança social estão a carência de sentido da metafísica, moral, ciência, estética e da religião imersas num absolutismo dos ideais não conseguiram dar respostas ao mundo com profundas indagações com o surgimento de novos paradigmas.

Levando em conta a origem do niilismo, passando pela sua etimologia, é possível notar a dimensão que o termo alcança nos tempos modernos e já vem sendo analisado muito antes de Nietzsche. Tais análises serão importantes para aprofundar seus conhecimentos sobre o niilismo e abarcar uma dimensão mais ampla. Em vista disso, no filósofo alemão a precisão acerca do niilismo atingirá uma conotação filosófica mais precisa e aprofundada, pois que, foi influenciado pelos teóricos literários russos, o declínio do cristianismo e a crise na modernidade.

Baseia-se nas influências de sua época, como dito nessa passagem: "As considerações e reflexões acerca do niilismo, ocorrendo já em vários pensadores do final do século XVIII e do séc. XIX, assumem em Nietzsche uma conotação própria" (ARALDI, 2004, p. 46).

Por consequência disso, embora muitos outros pensadores tenham refletido sobre este tema, somente em Nietzsche terá uma precisão, rigor e coerência para aprofundar na análise conceitual. Essa rigidez investigativa deve-se a análise minuciosa da História do Ocidente marcada pelos ideais do platonismo e cristianismo. Por isso, o filósofo alemão investiga as discussões acerca do niilismo, decorrentes do recrudescimento da crise dos valores, retratada na seguinte parte: "as diversas manifestações da doença ou crise inscritas na história do homem ocidental, de modo a atingir a raiz comum dessa doença, qual seja, a instauração

da interpretação moral da existência dá origem ao niilismo ocidental” (ARALDI, 1998, p. 76).

A partir dessa situação de crise, há um mecanismo de entendimento do surgimento do niilismo, num processo de uma provável origem e o movimento tomado e verificado, durante o transcurso (*Verlauf*) que é a investigação de Nietzsche aprofundada sobre a história da civilização ocidental. É anunciada o começo de uma nova era em que Nietzsche descreve o que vem, o que não pode mais deixar de vir: o advento do niilismo (NIETZSCHE, 2012). Mas como Nietzsche compreende o niilismo? Sobre isso será abordado no tópico seguinte.

### 3.2 O SENTIDO DE NIILISMO NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Nesse tópico, ressalta-se o niilismo na visão de Nietzsche. O niilismo atinge um restrito âmbito filosófico com o filósofo alemão, visto que aprofunda nos estudos acerca da palavra para trazer uma reflexão mais próxima do seu significado.

Por meio do aprofundamento da análise conceitual da História do Ocidente, a palavra niilismo adquire um significado próprio na filosofia de Nietzsche, passando a significar a desvalorização dos valores supremos da civilização ocidental. Como diz o filósofo alemão: “Que significa niilismo? – Que os valores supremos desvalorizem-se” (NIETZSCHE, 2008b, §2, p. 29). Ou seja, dizer que os valores supremos se desvalorizaram equivale a afirmar que o fundamento que servia de base para o homem interpretar a vida ruiu, fazendo com que os valores perdessem a sua sustentação. Isso ocasiona o colapso do sentido da existência humana. Uma forma de retratar a definição da decadência desses valores da tradição ocidental bem delimitada, se declara nos fragmentos póstumos: “não existe verdade alguma; de que não existe nenhuma qualidade absoluta nas coisas, de que não existe “coisa em si”” (NIETZSCHE, 2013, 9[35], p. 350, grifo do autor).

Ao tomar o declínio dos valores como abrangente e originário de toda a história da civilização ocidental, desde o platonismo até a crise da interpretação moral cristã, consegue conceituar melhor o niilismo. Segundo Nietzsche, tais valores desvalorizam-se mediante a decadência dos princípios supremos, ressalta-se uma parte que explica esse processo: “[...] experiência da decadência dos valores supremos da tradição cultural ocidental, como Verdade, o Bem, o Ser e o

princípio primeiro que é Deus" (LANDIM, 2013, p. 18). Logo, com a queda dos valores absolutos de origem divina e sublime perde-se a direção a ser tomada na vida, visto que davam sentido a vida humana.

Nesse propósito, há necessidade de fazer uma breve recordação da crise dos princípios ocidentais, a fim de mostrar e entender como culminou o processo de desvalorização dos valores. Por isso, torna-se importante dissertar os motivos e porque os valores desvalorizaram, segundo a concepção de Nietzsche. De um tal confronto, é importante explicar como surgiu os valores e onde se deu a ruína da tradição ocidental mediante a: "[...] interpretação moral da existência e do mundo" (ARALDI, 1998, p. 76). Baseada na pretensão de assumir uma totalidade de sentido da realidade, não consegue atribuir um significado que corresponda e explique a existência como um todo na atualidade. Isso acontece pela incapacidade de corresponder às exigências do mundo atual no que tange ao sentido da realidade.

Desta forma, o ser humano impõe valores absolutos com o objetivo de interpretar a vida para construir um mundo que possuía sentido. Isto quer dizer, o homem tem a pretensão de conservar-se pelos valores criados. Sendo a busca pela conservação através de seus ideais constante. Nesse propósito, quando ocorre a decadência dos valores não se conforma com a falta de significação da existência, passando a haver uma recusa da vida ao presenciar o niilismo.

A falta de sentido na vida é perceptível pelos homens no niilismo. De acordo, com Moura (2014) em alguns fragmentos póstumos, Nietzsche constatará o niilismo, enquanto estado psicológico em três situações. Uma primeira ocasião é marcada pela supressão de significação em todo acontecer, ou seja, todas as coisas observáveis no mundo. O segundo é determinado pela carência de uma totalidade da existência, portanto o todo integrado com o homem que conferia uma ligação para entender a realidade integralmente e inter-relacionada estabelecendo uma finalidade a existência. O terceiro baseia-se na decadência da metafísica como interpretação que dava uma direção de verdade ao homem, da qual negava este mundo para afirmar outro. Os três estados psicológicos do filósofo alemão retratam como vai sucedendo o processo da desvalorização dos valores absolutos, pois o rompimento é ocasionado pela insatisfação da humanidade. Nisso, o homem sofre com o problema de seu sentido procurando alternativas cabíveis para interpretar e entender o mundo a sua volta.

É nesse processo de perda de sentido e desvalorização dos valores absolutos que começam as análises acerca da origem do niilismo. Segundo o filósofo alemão, inicia-se os indícios da chegada do niilismo, quando ocorre a suspeita dos princípios na sociedade como insuficientes para interpretar a vida, ocasionando sucessivamente a crítica de todos os valores transmitidos ao longo de séculos pela tradição ocidental. Nisso, o ponto marcante do questionamento dos valores ocidentais encontra-se nos filósofos tradicionais ocidentais, de Platão a Hegel, embasados em argumentos e conceitos irrefutáveis e incontestáveis que davam sentido a vida das civilizações ocidentais.

Nesse cenário de reflexão nietzschiana encontra-se as civilizações marcadas pela crise. À medida que encontram-se entediadas com os valores ocidentais, pois não conseguem interpretar mais a vida tomando-os por base, surgem dúvidas quanto a legitimação destes na realidade. A partir daí, começam a questionar a permanência desses como fator que garante uma finalidade ao existir e uma determinada meta. O evento decisivo da crítica dos valores ocorre quando o ser humano entra em conflito consigo mesmo e indaga se realmente esses valores são dados ou forjados. Daí, vem a derrocada dos valores supremos, uma vez que não conseguem mais se esconder, pela seguinte situação colocada: "legitimar a razão humana através da garantia metafísica do Deus veraz e, desde então, o ateísmo é sinônimo de uma suspeita lançada sobre a razão" (MOURA, 2014, p. 36). Sendo então revelados como princípios instituídos, ou seja, foram criados pelo homem. Isto mesmo, foram inventados e colocados no mundo como valores absolutos, portanto supostos portadores da verdade em si mesmos. Como diz Nietzsche no seguinte aforismo: "Tudo o que tem algum valor no mundo presente não o possui por si mesmo, segundo sua natureza-a natureza nunca tem valor:- foi preciso conferir-lhe um valor, atribuí-lo a ela e fomos nós que o fizemos!" (NIETZSCHE, 2008a, §301, p. 177).

Ao perceber que os valores foram instituídos pelos próprios seres humanos se faz evidente a origem da decadência dos valores e porque se desvalorizaram. Dessas inferências, o filósofo chega a uma conclusão, o niilismo assola as nações em proporção altamente destrutiva, pois que perdeu-se o sentido da vida pautado nesses valores ao perceber que são meramente criações humanas. Nesse sentido, o niilismo impera sobre as civilizações, de modo que não é possível impedir sua chegada. Este é um percurso necessário, pois que ele é visto como um movimento

que está próximo, sendo inevitável o desprezo e o ódio contra a vida (NIETZSCHE, 2008b).

Isto acontece, quando há um inconformismo com o mundo numa abertura ao vir-a-ser, portanto nega-se a realidade, mas não tendo outra alternativa é preciso aceitá-la, como expressado: "Agora, admite-se o vir-a-ser como única realidade, não se trilham mais os caminhos que levam aos ultramundos e às falsas divindades, mas não se suporta esse mundo do vir-a-ser, que ninguém mais pode negar" (MOURA, 2014, p. 25). Nisso, quando a conservação de um ideal atinge um momento de crise ocasionando a manifestação dos instintos humanos, há a queda dos valores mediante a intensificação do vir a ser de novos acontecimentos que estão para surgir.

Com base nisso, Nietzsche faz uma intensa crítica aos negadores da realidade apresentada por um cenário de niilismo. Disso vem, o niilismo negativo que segundo o filósofo alemão valoriza uma realidade transcendente implicando na negação do mundo, retratado no seguinte trecho: "[...] a invenção do mundo verdadeiro(transcendente) após a negação do mundo natural do vir-a-ser(que, segundo Nietzsche, é o único existente)" (ARALDI, 2004, p. 89). Nessa perspectiva, os homens criaram a reflexão metafísica no intuito de salvaguardar o desejo de chegar a uma verdade sobre os fatos e as coisas. Segundo o filósofo, isso é negar a vida, num movimento decadente da própria existência. Atribuir uma supremacia de valor a um determinado ideal é fugir da fatalidade do existir. É preciso refutar concepções que desvalorizem a vida para afirmá-la.

Além disso, a dissolução da metafísica perde o juízo de valor, do qual conferia caráter de decisão ao homem em relação à verdadeira direção de sentido da vida. Disso vem à resposta: ""Para onde foi Deus?" - exclamou - "É o que vou dizer. Nós o matamos - vocês e eu! [...]" (NIETZSCHE, 2008a, §125, p. 129, grifo do autor). A decadência de sentido da realidade ocorre pela negação desta vida em prol do favorecimento de outro mundo<sup>5</sup>. Assim, ao desestabilizar o ideal, do qual antes norteava as ações humanas, perde-se a consistência e credibilidade numa fundamentação que explique o caminho a ser tomado pelo ser humano. Daí vem

---

<sup>5</sup> Iniciado em Platão, o mundo verdadeiro versus mundo aparente fomentava o método da verossimilhança que autenticava a permanência do mito da caverna, esse caracteriza pela natureza do homem fragilizada em si mesma e imperfeita, segundo Platão. Por isso, certificava somente uma forma de chegar a afirmar a materialidade da verdade pelo mito da caverna na aceitação dos dois mundos, já que o ser humano caminha em prol da perfeição.

uma insatisfação das normas morais e o desprezo pela invenção de um mundo superior ao desvalorizar o mundo atual como insuficiente de preencher o sentido da existência humana. Assim, tornam-se valores vazios existencialmente, pois a humanidade não consegue entender a realidade tomando por base esses valores.

Após a decadência dos valores transcendentais o marco decisivo do processo de declínio dos valores supremos transcorre na modernidade. Fica evidente as perturbações que atingem as civilizações ocidentais pelo cansaço da opressão dos instintos. Ora, não suportam mais os fardos morais, pois se tornam repressores de suas vontades humanas. Com isso, o niilismo atinge seu ponto mais alto mediante o rompimento com a tradição. Sendo assim, os valores tradicionais perdem força para continuar seu comando sobre as civilizações, principalmente as modernas. Portanto, é uma época de ruína da interpretação moral do mundo.

Diante disso, a modernidade marca um ponto decisivo para a afirmação do niilismo como algo necessário e inevitável no processo de negação da vida. Apesar de ser um acontecimento que decorre na ruína dos valores, para o filósofo, também é período de abertura para a realidade, por isso em Nietzsche, os tempos modernos é uma época marcada por: "declínio do poder e da disciplina do espírito" (ARALDI, 2004, p. 64). Nisso, na modernidade surge novos rumos a serem tomados pelo homem, porém são negados pelos pessimistas ao recusarem afirmar a realidade decorrente da crise dos princípios.

Partindo disso, Nietzsche requer uma afirmação do niilismo que continua longe de ser admitida na modernidade. A seguinte parte exemplifica isso: "[...] sua figura se disfarça em meio a novas roupagens, como a consciência prática, o domínio da razão, o Deus do progresso histórico e o instinto social" (LANDIM, 2013, p. 58). Assim, a humanidade nega os princípios antigos, mas assume outros. Essa constatação permite prever a visão pessimista permanente, até após o reconhecimento da decadência dos valores supremos ao assumir o niilismo reativo.

Diante desse fator, Nietzsche demonstra que ainda se nega o niilismo ao afirmar a verdade na modernidade. Nisso, substitui o transcendente pelas constatações científicas ou racionais neste mundo, portanto ainda acredita-se nos princípios eternos negando o vir-a-ser inerente a vida. O homem ainda atribui uma finalidade e sentido a existência, não se conformando com a decadência dos valores supremos adere a uma forma de existir consolidada nas suas próprias criações e concepções de mundo. Embora negue uma realidade além desta, ainda

acredita-se num mundo ideal capaz de solucionar os problemas presentes, portanto o mundo ainda pode se transformar numa realidade melhor, através das capacidades do homem. Coloca-se o ser humano no lugar de Deus para criar no mundo uma racionalização capaz de explicar a realidade humana, pois há a pretensão de dotar a vida de significação. Com base nessa asserção, verifica-se ainda a tentativa de consolidar um valor absoluto, mesmo após a queda da moral cristã. Porém, com a falta de respostas na atualidade perde-se o ânimo em gerir novos entendimentos acerca da existência culminando num niilismo passivo, quando há um desgosto profundo da vida, de modo que: “[...] o homem preferirá ainda querer o nada a nada querer...” (NIETZSCHE, 1998, §28, p.149). Ora, por meio dessa vontade de nada se perde o vigor em viver e passa a desacreditar em tudo.

Enfim, na falta de sentido nas postulações humanas que não conseguem corresponder ao mundo atual com a escassez de sentido para tudo, surge o niilismo passivo, seja numa realidade transcendente ou puramente humana, das quais podiam conferir valor a vida. Ao perder a significação não se pode mais construir um mundo ideal, vive-se no vazio profundo da existência. Desta forma, o homem age na realidade sem pretensão de um futuro melhor, isto é, consiste numa vontade de nada ao encarar a vida com desprezo. Ou seja, nega o próprio existir ao declarar o vazio existencial. Segundo Nietzsche, isso revela uma posição pessimista de todos os acontecimentos que estão porvir.

Em contraposição ao pessimismo que impera, Nietzsche propõe afirmar a vida pelo niilismo ativo, além da oposição homem e mundo. Há necessidade de aniquilar a perpetuação dos valores supremos, os quais distanciam de afirmar o niilismo. Nessa situação é necessário aniquilar os princípios antigos para construir novos valores<sup>6</sup> numa aceitação intensa do mundo como se apresenta ao homem que é um processo natural e decisivo para a mudança de consciência da humanidade, como enfatizado: "A destruição torna-se ativa à medida que o negativo é transmutado, convertido em poder afirmativo [...]" (DELEUZE, 1976, p. 80). A partir daí, o homem reconhece a negação da vida para ir em direção da construção de inovadoras visões de mundo em que darão um novo sentido a vida.

---

<sup>6</sup> O objetivo deste capítulo é trabalhar somente o niilismo, porém é necessário demonstrar que através do niilismo ativo chegará no *amor fati*, portanto a criação de valores será aprofundada com mais clareza no próximo capítulo da qual faz parte.



Portanto, trata-se de uma superação diferente de um negar a situação da qual o homem se encontra.

Por fim, diante desse processo do niilismo na civilização ocidental, desvincula-se da rejeição do mundo ocasionada pelos homens pessimistas propondo a afirmação. Assim, ao avançar no transcurso da história do niilismo ocidental, Nietzsche radicaliza o processo na reversão do mesmo, bem como realiza uma inflexão na história do niilismo ocidental, por requerer o estatuto afirmativo do niilismo (ARALDI, 2004). Não há possibilidade de negar a crise dos valores, a única coisa a ser revista é lidar com o fato da falta de referência da realidade, portanto depende do ser humano dar uma reviravolta nessa carência de sentido da vida, refletida deste modo por Nietzsche: “[...] é a própria vida que nos força a fixar valores; a mesma vida é que valora quando nós fixamos valores...” (NIETZSCHE, 1985, §5, p. 41).

Diante disso, o homem necessita afirmar o niilismo provocado pela falta de um valor absoluto que rege as ações humanas. Cabe aceitar a inexistência de sentido da realidade, mas não de forma resignada. Nesse propósito, o niilismo torna-se necessário para o ser humano não infundir princípios absolutos sem fundamentação recorrendo novamente no declínio das civilizações. Afirmar a vida na sua integralidade é uma condição necessária para a superação do niilismo que rodeia a civilização ocidental. Afinal, é inevitável a desvalorização dos valores, pois a vontade humana, que institui os preceitos morais, é relativa com o passar do tempo e gerações. Assumir-se com o choque dos princípios é situar-se em sintonia com o processo niilista que atravessa a História do Ocidente. Uma aderência ao niilismo tanto esperada por Nietzsche pelo homem encontra-se nesta parte:

O que é de temer, o que tem efeito mais fatal que qualquer fatalidade, não é o grande temor, mas o grande nojo ao homem; e também a grande compaixão pelo homem. Supondo que esses dois um dia se casassem, inevitavelmente algo de monstruoso viria ao mundo, a “última vontade” do homem, sua vontade do nada, o niilismo (NIETZSCHE, 1998, §14, p. 111, grifo do autor).

Nesta declaração de Nietzsche está contido seu maior desejo e esperança na humanidade, o surgimento de uma nova maneira de enxergar o mundo pelo homem ao ser transformado pela afirmação do niilismo como necessário. Assim, Nietzsche constata que o único caminho para transcender todas as inconsistências

metafísicas criadas para dar sentido à vida é o próprio niilismo, mas o niilismo em sua forma ativa. Este sinaliza um poderio potencializado do espírito em vista de destruir a visão metafísica de um mundo no além para afirmar a vida na terra. Trata-se de afirmar a existência por meio dela mesma e não por meio das categorias metafísicas como **fim** e **unidade** que diziam respeito a um mundo imaginário.

A partir disso, ressalta-se que o niilismo ativo deve ser reconhecido e afirmado, para além de uma oposição do homem em relação à vida, de modo a transformar a maneira pessimista de pensar a própria existência em uma nova visão de mundo, segundo a qual a vida é afirmada de maneira integral. Sobre esse assunto veremos no próximo capítulo.

#### 4 O AMOR FATI COMO AFIRMAÇÃO DA VIDA

A filosofia de Nietzsche propõe que se faça uma travessia do niilismo. Para tanto, o presente trabalho propõe a superação desse hóspede inoportuno a partir do *amor fati*.

O conceito de *amor fati* empreendido por Nietzsche é uma expressão latina que significa amor ao destino. Nesse sentido, é uma aceitação de tudo que se faz necessário na vida, portanto intensifica-se para uma abertura a fatalidade do homem. Condiz amar a vida nas diversas circunstâncias que se apresenta, num dizer sim aos acontecimentos ocorridos e que estão para acontecer. Sobre isso, declara Moura: "[...] o dionisíaco dizer-sim ao mundo, e ao mundo tal como ele é, sem desconto, exceção e seleção" (MOURA, 2014, p. 274).

Em vista disso, afirmar a vida é ressaltar até os momentos difíceis como necessários, seja no sofrimento, indecisões e escolhas duvidosas. Por isso, Nietzsche enfatiza: "Não quero mover guerra à feiúra [...]" (NIETZSCHE, 2008a, §276, p. 162). Além disso, retrata seu amor mesmo diante de situações dolorosas: "Dissestes alguma vez sim a um prazer? Oh, meus amigos, então dissestes sim também a toda dor" (NIETZSCHE, 2007, §10, p. 264). Logo, são formas de enxergar os acontecimentos como algo que supera o vazio existencial do homem.

Nisso, ao estabelecer o ponto principal de sua filosofia positiva remete a condição do agir humano na necessidade dos acontecimentos vividos, como superação do niilismo. Por isso, torna-se inspirado em refletir sobre o *amor fati*, inferido da seguinte forma: "[...] Quero aprender cada vez mais a considerar como belo o que há de necessário nas coisas: - assim serei daqueles que tornam belas as coisas. Amor fati: que esse seja doravante meu amor" (NIETZSCHE, 2008a, § 276, p. 162). Em suma, o objetivo de Nietzsche é trazer uma necessidade de todas as circunstâncias que se apresentarem na vida. À vista disso, não acusa os acusadores, mas também não desvia o olhar da vida (NIETZSCHE, 2008a).

Sendo assim, uma condição é imposta ao homem aceitar a falta de sentido conferida pela vida, sobretudo no niilismo. Nessa prerrogativa, não há uma finalidade ou motivo de estar no mundo, simplesmente existimos por pura fatalidade do destino. Sendo assim, o *amor fati* vem afirmar o mundo da forma que é apresentado. Isto quer dizer, sem atribuições de sentido absoluto pelo ser humano ao mundo. Portanto, a aceitação do mundo é uma aprendizagem repercutida aos

poucos nas experiências do vazio de sentido da vida. Esse olhar atento sobre as situações vividas ao longo de gerações é retomado por Nietzsche num momento de eclosão da crise de valores da civilização ocidental. O filósofo percebe que a civilização ocidental passa por este momento de crise, porém discorda da negação da vida ocasionada pelo niilismo que permeia as civilizações. Exatamente neste ponto, adverte seus ouvintes a transformarem a própria maneira de pensar o mundo. Ora, expõem ao ridículo algo que eles mesmos fazem parte, isto é, o mundo, ao negar a verdadeira realidade presente nas circunstâncias da vida.

Desta forma, o *amor fati* incita o homem a aceitar seu destino sem deixar-se abalar pela condenação da existência. Cabe amar o necessário assimilando todas as situações vividas para o crescimento de si mesmo. O amor incondicional ao mundo consolida-se nas proposições no decurso do tempo mediante a atitude humana de aderência deste amar plenamente a vida. Logo, não há nada que queira de outro modo, mesmo num outro retorno, não tenho o direito de querer de outra forma, ou seja, *amor fati* (NIETZSCHE, 2012). De tal modo, não há possibilidade de refutar as condições da existência que lhe são submetidas, pois fazem parte do percurso da vida.

Como não há nada que defina a trajetória de vida do homem, o estabelecimento de um sentido conclusivo na História da Filosofia não pode perpetuar. Está limitada a capacidade do homem de refletir sobre sua existência por encaminhá-lo para um sentido verdadeiro e único.

A História da Filosofia teve diversas interpretações para compreender a realidade numa totalidade de sentido, a qual Nietzsche reproduz como sem cabimento para interpretar o homem na modernidade. Ainda mais que fica presa a uma moralidade que não consegue explicar a situação do homem no mundo. O homem necessita de uma resposta para o mundo ao seu redor, diferente de um conceito incontestável formulado pelos filósofos sistematizadores da história da filosofia<sup>7</sup>.

Logo, Nietzsche propõe no *amor fati* a ruptura de todos os obstáculos que vierem a atrapalhar a superação do niilismo. Por essa razão, não admite a

---

<sup>7</sup> Refere-se aos filósofos desde Platão até Hegel. Azeredo alude que Nietzsche propõe uma rejeição peremptória das construções explicativas do ser, do conhecer e do agir de Platão a Hegel (AZEREDO, 2008).

indissolubilidade de uma ideia absoluta<sup>8</sup>, por isso, perfaz a reflexão sobre tempo, mundo e eternidade permitindo um novo olhar ao destino do homem contemplado na fluidez da ponderação do *amor fati*. Com isso, ao dizimar os referenciais semânticos da totalidade dos discursos filosóficos tem que haver uma nova interpretação de mundo. Sob este aspecto, a filosofia nietzschiana sustenta uma nova forma de pensar, ser e agir.

Com base nisso, não há um sentido predeterminado ou transcendente que confira valor ao mundo. Em vez disso, brada Nietzsche por meio de Zarathustra: “Eu vos conclamo meus irmãos, permaneçei fiéis a terra e não acrediteis naqueles que vos falam de esperanças sobrenaturais” (NIETZSCHE, 2007, p. 26). Sendo assim, as interpretações absolutas são ultrapassadas por novas ideias de mundo. Não se refere a uma dizimação dessas concepções, mas um advento de formas diferentes de analisar o mundo em questão. Afinal, os valores em que se pautaram confiança ao longo de séculos perdem seu valor. Desta forma, os valores preenchem o vazio existencial temporariamente até o momento de ser substituído por outro majoritariamente superior. Isto é, um sentido mais próximo do cenário atual e que corresponda aos anseios sociais da maioria.

Nesse sentido, Nietzsche requer uma nova compreensão do agir humano para superar o niilismo que atinge as civilizações. Disso, esclarece há necessidade do vir-a-ser das interpretações para superar a crise dos valores. Por isso, ao interpretar o mundo irá dar significado ao mundo a partir dele mesmo e não por meio de uma instância superior metafísica. De fato, o destino do homem é traçado num eterno conformar-se com a conservação manifestada no porvir das interpretações, isto posto, o conservar significa admitir que sempre terá de criar sentidos. Já que, o sentido postulado se desvaloriza, quando determinada avaliação adquire supremacia, o criar de novas interpretações deve ser constante. Nesta passagem, Nietzsche esclarece a infinitude de interpretações do mundo:

Que o valor do mundo está em nossa interpretação (...), que as interpretações até agora existentes são avaliações perspectivas por meio das quais nós nos conservamos na vida, (...) que cada elevação do homem traz consigo a superação de interpretações mais estreitas, que todo o fortalecimento alcançado e todo alargamento de potência abre novas

---

<sup>8</sup> A História da filosofia contempla um ideal conceitual para explicar a realidade da vida, simplesmente pronto e acabado desde Platão até Hegel.

perspectivas e faz crer em novos horizontes – isto percorre meus escritos (NIEZSCHE, 2013, 2[108], p. 240, grifo do autor).

Dentre a sucessão de interpretações que surgem na vida há um ciclo de acontecimentos que retornam no tempo, ou seja, o homem sempre interpretará o mundo em questão. Visto não haver um fato consolidador e verdadeiro que atribua um sentido a existência, as postulações de significação do existir humanas perdem seu caráter irrefutável e consistente em estabelecer um valor absoluto ao mundo. Resta ao homem simplesmente amar a vida num eterno interpretar, como dito nessa expressão: "Esta vida tal como a vives atualmente, tal como a viveste, vai ser necessário que a revivas mais uma vez e inumeráveis vezes; e não haverá nada de novo, pelo contrário!" (NIETZSCHE, 2008a, §341, p. 201). Assim, a vida retornaria exatamente da mesma forma sem acréscimos, isso seria amar a vida intensamente em cada instante.

Está em jogo, a superação do niilismo na conformação da desvalorização dos valores num eterno retorno das interpretações. Isso se processa, no amor incondicional à vida diferente de uma visão pessimista da vida. Por isso, o homem que ama o mundo na sua imanência retornará a avaliar o mundo quantas vezes se fizer necessário, da mesma forma, numa eterna construção de sentido, sendo plenamente realizado. Visto que, não se assegura em valores absolutos, dos quais se desvalorizam com o passar do tempo na chegada de novas interpretações e não nega a vida como os pessimistas. Assim sendo, aqueles que aderem a doutrina do eterno retorno explicita: "É aos que acham a doutrina do retorno leve que Nietzsche se dirige: são estes que devem ser preservados do contágio pelo niilismo, da condenação da vida, da degenerescência" (MOURA, 2014, p. 275).

Nesse ponto, precisa-se de novos métodos a serem retomados para encarar a facticidade do estar sempre em processo, os sentidos criados pelo homem no mundo. Um deles, se faz evidente, a aceitação da efetividade das interpretações que se fizerem necessárias para afirmar a vida, numa constante alternância, como sintetiza Azeredo: "Consoante a Nietzsche, ser é vir-a-ser e vir-a-ser é ser"(AZEREDO, 2008, p. 123). O homem altera suas convicções conforme a efetividade no mundo, num fluxo constante de criação e destruição. Nesse caso, criação enquanto ser e vir-a-ser quanto a criação de novas perspectivas, conforme

destroem as velhas interpretações. Por conseguinte, desenvolvem novos sentidos para situar o homem no mundo.

Em consonância, a condição imposta ao homem é um novo destino a existência ao determinar o vir-a-ser como precursor da humanidade, isto porque, não existe outra forma de colocar-se no mundo. O homem se encontra diante da decadência da tradição ao experimentar a fatalidade do viver em construção perpétua de sentido. Isso pode ser percebido no declínio da criação de normas sociais, deliberações, causas e tantas outras artimanhas para poder viver em plenitude e continuar seu legado e reconhecimento perante os demais do conjunto social. Por isto, ou se entrega ao efetivar de novas interpretações, ou continuará vivendo na mesquinhez do vazio da vida, porque isso não deixará de acontecer. Portanto cabe ao homem afirmar a vida, mas não de forma parcial, mas integral, na sua totalidade, ou seja, com suas feiuras, mas também com suas belezas. Isto, sempre ocorrerá pelo retorno das interpretações dos acontecimentos afirmados no decorrer do tempo, como ressaltado: "Com a inserção dessa perspectiva, todos os acontecimentos se equivalem, pois todos eles –sem exceção –são inteiramente afirmados, não importando seu teor" (SAAVEDRA, 2018, p. 54, grifo do autor).

Com o surgimento de diversas formas de analisar o mundo em questão, os fundamentos se desvalorizam à medida que não correspondem mais a conservação humana. Nisso, o homem jamais chega na verdade mediante os rompimentos de todas as normas que regem a sociedade, se sentindo enfraquecido pela ineficácia dos princípios instituídos. Nessa situação, o homem se apoia numa conservação momentânea pautada em novas interpretações de mundo ao presenciar a crise de valores da civilização ocidental. Assim, os valores que antes foram positivos na ascensão da vida tiveram uma queda, por não corresponder aos anseios sociais, com isso ocorre o declínio destes havendo a necessidade da superação. Isto quer dizer, os princípios são submetidos às adaptações necessárias no decorrer da vida. Através, desse ponto de vista, Nietzsche abre caminho a um futuro válido para a humanidade inferido da seguinte forma: "Pusesteis a vossa vontade e os vossos valores no rio do porvir" (NIETZSCHE, 2007, p. 176).

Visto deste modo, o mundo não confere um valor restrito à determinada significação única e verdadeira. Assim sendo, submete-se a um fluxo de interpretações que confere pluralidades de perspectivas. Essas se relacionam com a série de alternâncias do próprio agir do homem nos momentos da vida. Afinal, o

homem muda sua própria forma de enxergar os acontecimentos. Há uma extrema mudança no querer, quando se submete a novas perspectivas percebe que os sentidos são provisórios, logo vem outros para abarcar a plenitude da existência. Isso consolida-se nos valores ao se abrirem a advindas aquisições de concepções da realidade.

Vale salientar a condição do sujeito ao afirmar a vida. Visto que, se conformar com a própria existência é inerente ao agir, ou seja, impõe-se uma determinada possibilidade de vida, cabe ao homem aderir que não há um sentido absoluto e indestrutível perdurável pela eternidade. Sendo assim, é condicionado a ação de criar novos valores ao admitir o vir-a-ser destes perante a realidade. Portanto, o redimensionamento do agir acontece pela interpretação da totalidade da vida para abarcar diversas perspectivas que situam o homem no mundo, já que não há nada que determine a causa das ações. Desta forma, não há uma razão que determine qual ação deva ser executada pelo ser humano, mas o agir fortuitamente possibilita novos sentidos perante a vida. Com isso, a chegada de um novo tempo e mundo para a humanidade.

Disto conclui, uma nova forma de pensar, sentir e querer pela intensificação da mudança de interpretações. Assim sendo, o ser humano admite que sempre será impulsionado pela vontade em querer agir sobre a realidade. Nesse sentido, não há uma razão última que dê direção à humanidade, mas a movimentação dos impulsos garantirá a construção da existência. Nisso, Nietzsche declara a ausência de fundamentação no agir pelo fato do homem ser condicionado aos instintos, na seguinte parte: "o *amor ao fatum* enquanto sentimento de aceitação da necessidade que independe de justificativas" (AZEREDO, 2008, p. 257). Portanto, a ação não é algo explicável como na racionalidade, mas imprevisível pelos impulsos.

Nesse caso, aos homens assumirem que são regidos pelos instintos necessitam de criar formas de conservar-se na vida, mesmo que a conservação seja momentânea para adequar-se as necessidades que se apresentarem na vida. Pensando nisso, são dois os processos atinentes ao agir, a profundidade e a superfície. Essas duas vertentes de impulso encaminha os pressupostos humanos ao agir. Nesse caso, é necessário explicar a direção de interpretação tomada desde a profundidade até a superfície. Compreende-se na acepção de Azeredo, que superfície é todos aqueles estados vivenciados pela fala passando a ser comuns na linguagem e profundidade os processos indeterminados, inapreensíveis presentes



nos impulsos (AZEREDO, 2008). Deste modo, o percurso começa pelos processos incompreensíveis na luta dos impulsos, na profundidade até aquilo que quer tornar-se comum entre os homens na superfície.

Em vista disso, a consciência é desenvolvida na extrema necessidade de tornar comum a fala, o que antes era indeterminado pelos impulsos. Pela manifestação dos instintos é possível chegar a meios conscientes, dos quais possa estabilizar um valor provisoriamente, por isso há necessidade de chegar a uma linguagem convencional para legitimar os processos que acontecem no sujeito consciente e criar um ambiente formidável as ações humanas. Porém, o ser humano deve aceitar o aspecto instintual de viver sem uma finalidade ou motivo que justifique a ação. Nesse viés, reconhece-se como construtor de perspectivas impulsionado pelo agir, não havendo fundamento intrínseco que explique suas atitudes, pois é marcado pelo porvir das vontades humanas.

Duas são as formas de o homem se situar no agir, necessitam de ser esclarecidas a fim de entender como se consolida a consciência regida pelos impulsos. O primeiro é o plano conceptual moldado numa ordenação do mundo pela racionalização, porém este constrói-se numa racionalização que indica o caminho a ser tomado. Nesse sentido, distorce da ação proposta por Nietzsche que baseia-se nos instintos, ou seja, pelo impulso não é determinada a direção a ser seguida para construir uma linguagem convencional. Assim sendo, o plano não conceptual é o mais adequado na concepção do filósofo alemão, pois que o ser humano age sem finalidade no propósito de criar um meio comum entre os indivíduos do conjunto social, sendo movido pelo vir-a-ser das interpretações. Uma frase exemplifica os dois planos: “ou se faz do cânon a finalidade e, com isso, se mascara o vir-a-ser tornando-o fixo, ou se faz do vir-a-ser o sentido do acontecer que, para além do acontecendo, é o único sentido” (AZEREDO, 2008, p. 278). Portanto, somente resta o porvir dos acontecimentos, já que o humano é impelido a agir.

Nisso, a linguagem atua no estável provisoriamente, visto que se concretiza pela vontade humana para corroborar com os processos de consenso comunicacional que ocorrem mediante o devir das várias interpretações. Esse mecanismo de fixar qualquer tipo de valor, seja linguístico, ou não é um processo natural do homem e necessita ser realizado para se manter determinada interpretação. Contudo, deve se aceitar o porvir das interpretações que surgirão para ultrapassar as velhas concepções. Logo, o homem conduz-se da manifestação dos

instintos até uma linguagem convencional em que possa se conservar momentaneamente. Visto que, sempre se movimentará pelos afetos humanos que são instáveis, seja na personalidade, singularidade e interesse. Assim sendo, determinado valor não irá manter-se por muito tempo, pois o homem é movido por vontades, como dito em *Além do Bem e do Mal*: "Ao nosso impulso mais forte, o tirano em nós, submete-se não apenas a nossa razão, mas também nossa consciência" (NIETZSCHE, 1977, §158, p. 92). Nietzsche expressa nesta citação a construção dos valores comuns as nações através dos instintos.

Ao reconhecer que é movido por instintos o homem se abre a própria realidade. Isto significa, o ser humano compreende seu agir voltado para a vontade instintual de conservar-se, com base, na seguinte premissa: "O homem descobre que a essência do mundo é vontade [...]" (REALE; ANTISERI, 1991, p. 436). Nesse sentido, adere ao *amor fati* tornando quem se é. Sempre contemplando o vir-a-ser na dimensão do tornar-se, enquanto acontecendo no tempo diferente da adesão ao estável, mas aberto às diversas concepções da existência. De fato, trata-se de superar o ser no intuito de interpretar a infinitude do mundo colocado sobre o viés do porvir das interpretações para colocar-se em um contínuo transformar-se pelos diversos acontecimentos que virão a abarcar a vida.

Enfim, o tornar-se em movimento se refere aquilo que é, enquanto vir-a-ser. Sendo assim, o homem é capaz de criar a si mesmo, assim é mencionado na *Gaia Ciência*: "Nós, porém, queremos nos tornar aqueles que somos – os novos, únicos, incomparáveis, que dão leis a si mesmos, que criam a si mesmos" (NIETZSCHE, 2008a, §335, p. 196, grifo do autor). Configura-se numa capacidade de criador das próprias interpretações no transcurso do tempo vivido, enquanto afirmação do mundo tal como ele é. Nisso, há uma dissolução de toda fixidez do ser, seja na moral ou na razão. Visto que, o ser humano percebe que pode construir o mundo ao seu redor, afinal reconhece o mundo criado como fruto dos desejos instintuais do interesse humano.

O sentimento de aceitação incondicional da vida é intensificado pelo consentimento de tudo que se fizer necessário, sem julgamentos de valor. Mesmo aquilo que acontece para estabelecer uma determinada associação de homens, com interesses comuns, é uma forma de situar-se no mundo estando aberto ao advento de novas concepções. Dessa forma, os valores são criados pelos impulsos indo em direção a uma moral conceptual. Isso verifica-se pela pluralidade de vontades

enquanto acontecer que introduzem perspectivas dotando a existência de sentido e valor (AZEREDO, 2008). Parte da aquiescência afirmativa da vida, de uma falta de sentido como nada a ser atingido para a ordenação do mundo, num sentido provisório da existência.

Por meio desta análise, a decadência da civilização ocidental é um fator necessário para o advento de interpretações inovadas. Não sendo entendido como momento de desespero, mas esperança por derrubar velhos valores para construir novos. Portanto, há uma ressignificação da vida, daquilo que é colocado como feio e incômodo e é passível de ser transmutado em belo e agradável (SAAVEDRA, 2018). Todas as ocasiões sejam boas ou ruins, passam a ser bem vindas na aquiescência ao *amor fati*. Nisso, a crise dos valores supremos deixa de ser o fim de uma grande era que dava sentido a existência humana para tornar-se o começo de uma transformação das civilizações. Ressalva-se, um novo modo de observar a vida, através da abertura a um novo sentido.

De certa forma, o *amor fati* se desdobra numa afirmação dos sentidos momentâneos que surgem do acaso das circunstâncias. Disso provêm, os inúmeros acontecimentos ocorrendo de forma fortuita, tal que acontecem mediante o retorno das interpretações ao longo do tempo num destino que o homem desconhece. Porém, ao desfrutar do mundo em sua infinitude de significados presencia a experiência da construção de sentido da vida. Essas experiências, portanto são conhecidas na medida que são vivenciadas sem sequer saber o futuro delineado no prosseguimento destas. Eis, a questão que se coloca amar a vida de tal forma que afirme o inesperado. Um dizer sim ao mundo na eternidade, como expressado: "Se o acaso transforma em destino, se no vir a ser suceder é suceder necessariamente, se cada momento é interiormente relacionado aos demais, então a afirmação do presente é *ipso facto* a afirmação da eternidade" (MOURA, 2014, p. 281). Mesmo desconhecendo o que está porvir ama a vida intensamente em todo acontecer.

Esse afirmar das necessidades da vida num eterno retorno compreende todo acontecer num movimento perpétuo de criação e destruição dos valores, sendo uma forma do homem se situar no mundo numa conservação momentânea. Trata-se da chegada de novas interpretações para dar significação a existência do ser humano. Na proporção que uma interpretação é construída, outra é destruída num ciclo. Logo, todas as interpretações retornam constantemente no tempo, de tal forma que o mundo sempre será interpretável, como dito nessa alusão:

Minha fórmula para a grandeza no homem é amor fati: não querer nada de outro modo, nem para adiante nem para trás, nem em toda a eternidade. Não meramente suportar o necessário e menos ainda dissimulá-lo - todo idealismo é mendacidade diante do necessário - mas amá-lo... (NIETZSCHE, c1959, § 10, p. 73, grifo do autor).

O homem necessita aceitar as circunstâncias da imediatez da vida, não negar o que a vida lhe confere, mas aceitar o propósito do seu destino, seja no fracasso ou no progresso. Uma lição imprescindível manifesta-se no *amor fati* o amor incondicional a vida enquanto interpretação, como condição para viver em plenitude com o agir. Sob restrição da ação ocorre o influxo das necessidades vigentes ao longo do devir das interpretações. Assim sendo, cabe ao homem não apenas aceitar o vir-a-ser, mas amá-lo, como enfatiza Nietzsche: “Amor fati: que esse seja doravante meu amor” (NIETZSCHE, 2008a, §276, p. 162).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso teve como principal objetivo apresentar a superação do niilismo através do *amor fati*. Nesse propósito, optou-se por mostrar a vida de Nietzsche a fim de demonstrar como chegou à reflexão do *amor fati*, o qual, em nossa perspectiva, possibilitou o filósofo alemão ultrapassar o niilismo. Assim, foi apresentada a biografia do pensador para esclarecer que todos os momentos vividos foram primordiais para se afirmar a vida, chegando, pois, no pensamento acerca do *amor fati*. Isto significa, não somente aceitar o destino, mas amá-lo.

Esse amor ao destino é trabalhado sobre um eterno retorno do mesmo na vida de Nietzsche, ou seja, um retornar constante dos acontecimentos, sendo necessário repetir sempre os mesmos momentos vividos. Logo, desenvolve um procedimento capaz de lhe dar fundamentação para superar a falta de sentido da realidade humana, principalmente na civilização ocidental.

Além disso, a partir da vida de Nietzsche, fez-se uma breve contextualização histórica de sua filosofia na atualidade, ressaltando a importância do *amor fati*, mesmo após a morte do filósofo alemão, diante da falta de um referencial na vida, ou melhor, um sentido.

Adiante, Nietzsche investigou a ausência de sentido na vida ocasionada pela falta de fundamentação dos valores. Tratou de refletir em uma conceituação mais precisa sobre a palavra niilismo, trazendo uma reflexão estritamente filosófica. Com base nisso, investigou o processo que culminou no declínio dos valores, tendo base à investigação de Nietzsche acerca da origem da desvalorização dos valores supremos. Em consideração a isso, o filósofo alemão aponta que o niilismo tem início na história da civilização ocidental, desde o platonismo até a moral cristã. Com a perda de consistência das interpretações para interpretar o mundo, ocorre a decadência dos valores.

Por isso, foi necessário uma análise da origem do niilismo, desde o nascimento do termo nada que provém da negação do ser até o sentido de niilismo segundo a filosofia tardia de Nietzsche. Embora essa expressão tenha aparecido em outros contextos, é somente com Nietzsche que ela ganhará um significado filosófico profundo, já que o filósofo alemão, além de analisar as origens do termo niilismo, avança nas observações da História do Ocidente. Assim, ao refletir sobre a

desvalorização dos valores ocidentais, a significação em torno da palavra atingirá uma conotação estritamente filosófica, pois aprofunda no seu conceito.

Apesar de Nietzsche ser muito importante por aprofundar na análise conceitual, todos os analistas do niilismo foram primordiais para ele chegar numa resposta concisa a respeito da definição do niilismo. Portanto, o conceito vem sendo investigado desde de Volpi, sendo uma particularidade refletida e mantida do começo ao fim da investigação acerca do niilismo, a falta de sentido da vida. Embora as definições do niilismo sejam diferentes ao longo das análises, todas voltavam-se em resposta a essa problematização. Na carência de fundamentação da existência, o ser humano perde a direção a ser tomada, ou melhor, a trajetória a ser cumprida na sua vida, com isso esgota-se no vazio existencial. Daí, vem a ausência de referência da humanidade na impossibilidade de interpretar o mundo a sua volta.

Desta forma, foi possível analisar que os valores desvalorizaram pela falta de sustentação para interpretar a realidade. Esse fator contribuiu na ascensão da suspeita e crítica de todos os princípios sociais e culturais levando à decadência de todos eles. Com isso, acontece uma dúvida quanto ao surgimento desses valores, se foram algo dado e divino ou instituído e colocado no mundo para adaptar-se a uma determinada cultura e sociedade. Logo, as civilizações reconhecem a criação desses valores como puramente humanos, por serem instituídos pelo homem em razão de um interesse. Isto porque, visavam a uma forma de conservação humana, ou seja, adequava-se as circunstâncias da vida do homem com o objetivo de manter um ideal intacto e incontestável, o qual legitimava a vida e trazia segurança ao conferir um sentido absoluto à humanidade. Porém, quando se percebe a falta de uma fundamentação consistente nesses valores, por serem humanos, portanto falhos ao explicar a totalidade das interpretações ocorridas no mundo, não há nada que justifique a própria existência do homem no mundo.

Com a perda de significação da vida, surge o grande problema do homem na modernidade, o anúncio da decadência de um valor transcendente, condutor da humanidade que confirmava a metafísica como única realidade possível para se chegar a verdade de todas as coisas consolidadas no mundo. Logo, não há mais nada de divino ou além deste mundo que confira valor a existência do homem provocando uma agonia no ser humano, do qual acreditava em um sentido absoluto presente em outro mundo. Em contestação a ausência de uma finalidade da existência deixada pelo niilismo negativo, outro significado é atribuído à vida.

Doravante, as civilizações ocidentais não suportando a falta de sentido deixada pela metafísica passam a valorizar um sentido supremo no próprio mundo. Então, passa a existir uma reação ao declínio dos valores transcendentais ao acontecer uma reviravolta nos princípios ocidentais para sustentar a significação da vida. Portanto, o sentido não está fora deste mundo, mas no próprio homem que é capaz de criar valores absolutos condizentes com a realidade, como a racionalização científica dominante no cenário moderno. Essa fase é caracterizada pelo niilismo reativo, ou seja, o ser humano reage ao vazio existencial provocado pela decadência da metafísica.

Ao haver o declínio da verdade neste mundo, portanto no próprio homem surge o niilismo passivo. Nesta fase, o ser humano perde o gosto pela vida assumindo um verdadeiro desgosto pela existência. Já que, não é possível viver sem um sentido absoluto vive-se negando o vir a ser inerente ao mundo. Efetivamente, a humanidade passa a ter um pessimismo extremo da vida.

Tal visão pessimista da vida é contestada por Nietzsche, ao propor o niilismo ativo. Em vista disso, não é possível negar a desvalorização dos valores absolutos, mas é necessário conformar-se numa afirmação além da oposição homem e mundo. Afirmar a vida, sem que haja um sentido absoluto, é uma condição necessária das civilizações ocidentais.

Nesse propósito, Nietzsche requer uma afirmação da vida ao trazer a reflexão filosófica, o *amor fati*, como proposta de superação do niilismo. Assim sendo, diferente de negar de forma reativa o niilismo, deve-se superá-lo ativamente. Ou seja, trata-se de superar o niilismo, ao amar o mundo como se apresenta e não deslocando o sentido dessa vida para outro âmbito. Ao afirmar a vida em sua totalidade, aceita-se o vir-a-ser as interpretações que se fizerem necessárias no decorrer dos acontecimentos sempre num eterno retorno das mesmas. Por meio do vir-a-ser das interpretações, o ser humano mantém uma conservação momentânea dos seus próprios valores. Isto significa que o ser humano sempre será condicionado a agir para interpretar o mundo, para estabelecer um sentido, mesmo que seja provisório.

Convém assinalar que o ser humano só conseguirá consolidar suas interpretações no mundo reconhecendo que é movido pelos instintos. Ora, dependerá sempre da transição dos impulsos (profundidade) para uma linguagem convencional (superfície), sendo assim um movimento constante e perpétuo rumo a

novas interpretações. Esse processo de movimentar-se por impulsos leva ao *amor fati*, condição necessária para superar a negação da vida e afirmá-la.

Desta forma, este trabalho de conclusão de curso procurou desenvolver todos esses caminhos mencionados acima demonstrando que é possível superar o niilismo pelo *amor fati*. Enfim, trouxe à atualidade contemporânea uma possibilidade refletida pelo filósofo alemão para vencer o niilismo que atravessou a civilização ocidental.



## REFERÊNCIAS

AMOR. In: MARCONDES, Danilo; JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3 ed. Rio Janeiro: Jorge Zahar, não paginado, 2001. Disponível em: [http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario\\_de\\_filosofia\\_japiassu.pdf](http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf). Acesso em: 27 nov. 2020.

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia**: do romantismo até nossos dias. v. III. São Paulo: Edições Paulinas, 1991. p. 435-438. (Coleção filosofia).

ARALDI, Claudemir Luís. **Nilismo, criação, aniquilamento**: Nietzsche e a filosofia dos extremos. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2004. (Sendas e Veredas).

\_\_\_\_\_. Para uma caracterização do nilismo na obra tardia de Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**. São Paulo, n. 5, p. 75-94, 1998. Disponível em: [http://gen-grupodeestudosnietzsche.net/wp-content/uploads/2018/05/cn\\_05\\_05-Araldi.pdf](http://gen-grupodeestudosnietzsche.net/wp-content/uploads/2018/05/cn_05_05-Araldi.pdf). Acesso em: 5 nov. 2021.

AZEREDO, Vânia Dutra de. **Nietzsche e a aurora de uma nova ética**. São Paulo: Humanitas; Ijuí: Unijuí, 2008. (Nietzsche em perspectiva).

CHAGAS, Eduardo Ferreira; SOUSA, Raylane Marques. Nietzsche: proposições acerca de uma história genealógica e afirmadora da vida. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 10, n. 24, p. 44-59, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15848/hh.v0i24.1199>. Acesso: 7 maio 2021.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. 1 ed. Trad.: Ruth Joffily e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

FERREIRA, Emerson Benedito. Resenha crítica da obra: “Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral” de Friedrich Nietzsche. **Revista Gestão Universitária**, Florianópolis, 2016. Disponível em: <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/resenha-critica-da-obra-sobre-verdade-e-mentira-no-sentido-extra-moral-de-friedrich-nietzsche>. Acesso em: 6 maio 2021.

LANDIM, Robione Antônio. **A relação entre nilismo e cristianismo na filosofia tardia de Nietzsche**. 2013. 103 f. Dissertação(Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/919>. Acesso em: 1 out. 2021.

MALINSKI, Tania Alexandra. **O conceito de desenvolvimento segundo Hegel: a progressão da consciência.** 2012. 246 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4793>. Acesso em: 27 out. 2021.

MARTON, Scarlett. **Dicionário Nietzsche.** São Paulo: Edições Loyola, 2016.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. **Nietzsche: civilização e cultura.** 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência.** Trad.: Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2008a.

\_\_\_\_\_. **A vontade de poder.** Trad.: Francisco José Dias de Moraes e Marcos Sinésio Pereira Fernandes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal: ou prelúdio de uma filosofia do futuro.** Trad.: Márcio Pugliesi. São Paulo: Hemus, 1977.

\_\_\_\_\_. **Assim Falou Zaratustra.** Trad.: Alex Marins. São Paulo: Editora Maria Claret, 2007.

\_\_\_\_\_. **Aurora: reflexão sobre os preconceitos morais.** Trad.: Mário Ferreira dos Santos. São Paulo: Logos Ltda, 1947.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos Ídolos.** Trad.: Artur Morão. Viseu: Edições 70, 1985.

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo: como cheguei a ser o que sou.** 3 ed. Trad.: Lourival de Queiroz Henkel. São Paulo: Editora S.A., c1959.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos Póstumos 1875-1882.** v. III. Trad.: Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Tecnos Editorial S.A., 2008c.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos Póstumos 1885-1887.** v. VI. Trad.: Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos Póstumos 1887-1889**. v. VII. Trad.: Marco Antônio Casa Nova, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da Moral: Uma Polêmica**. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano**. Trad.: Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAAVEDRA, Roberta Franco. Amor fati e eterno retorno no livro IV de “A gaia ciência”: uma interpretação estética da existência. **Revista de Filosofia**. Amargosa, v.18, n.2, p.43-60, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.31977/grifi.v18i2.971>. Acesso em: 8 out. 2021.

VATTIMO, Gianni. **Introdução a Nietzsche**. v. 111. Trad.: Antonio Guerreiro. São Paulo: Biblioteca de textos universitários, 1990.

VIEIRA, Mauro Rogério de Almeida. **Nietzsche e a modernidade: da crítica à metafísica à crítica à democracia**. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/16504>. Acesso em: 22 nov. 2020.